quando percebi que essa arte era um agente modificador, um canal de discussão", relembra.

A função educativa

A principal e, talvez, a mais importante herança que o contato com a vida teatral pode proporcionar às pessoas é o desenvolvimento da sensibilidade, da educação do olhar.

De acordo com o diretor e autor teatral, Gilberto Gawronski, saber olhar olho no olho é uma das mais belas lições que o teatro transmite. "Nossa arte é a arte da mentira. Fazer teatro é encontrar uma forma verdadeira de dizer uma mentira. Isso é o que o teatro ensina", declarou.

O diretor observa a necessidade de expressão do indivíduo na sociedade. As pessoas precisam desenvolver o seu lado sensorial para se ajustar e observar melhor o mundo que as rodeia. Para Gawronski, que dirigiu os espetáculos *O Patinho Feio* e *Solidão nos Campos de Algodão*, essa é a função educadora do teatro. "Na minha opinião, o teatro deveria ser uma disciplina a ser incluída no currículo escolar. O teatro é representante de inquietações da sociedade", avalia.

Gawronski afirma que fazer teatro hoje em dia requer conhecimento e uma conscientização maior do que há alguns anos atrás. Na época da ditadura, a censura indicava com mais facilidade o que não podia ser comentado. "Hoje em dia ainda não está claro o que tem que ser dito", disse.

A compreensão da mensagem no decorrer da peça é analisada como ponto fundamental para que aconteça a catarse do espetáculo apresentado. "Você precisa ter alguma coisa importante para dizer, que realmente instigue o espectador. É preciso recuperar a paixão teatral, o amor pelo lúdico, a forma de fazer teatro", comenta o autor e diretor Carlos Augusto Nazareth.

A platéia

O palco para ser envolvente tem que causar um certo 'medo' nas pessoas. Mas esse medo é positivo. Ele significa um estranhamento de algo desconhecido, inesperado, que pode sensibilizar o indivíduo. Mas esse 'medo' deixou de ser algo revelador, porque os atores que fazem novelas, por exemplo, passaram a participar do nosso cotidiano, tornando-se pessoas comuns. Onde fica a magia que alimenta o espetáculo?

De acordo com o autor e diretor Carlos Augusto Nazareth, é necessário conhecer o texto que está sendo

Foto: Divulgação

A atriz Cristina Pereira, no espetáculo "Sábado, domingo e segunda"

"Nossa arte é a arte da mentira. Fazer teatro é encontrar uma forma verdadeira de dizer uma mentira"

(Gilberto Gawronski)

montado e o seus espectadores. Ele acredita que a maneira do teatro provocar as pessoas se apresenta de modo diferente de outras expressões artísticas. "A forma de atingir a emoção e o questionamento do teatro são distintos", afirma o diretor.

O espetáculo só é provocativo quando ele consegue 'desordenar' a cabeça do indivíduo. Quando ele nos faz refletir, descobrir e repensar novas realidades. A busca do encontro dos elementos que formam o teatro e a platéia são frutos da preocupação do diretor em partilhar a mesma idéia da obra com esse público. Na verdade, a platéia é formada pelo teatro, mas também exerce uma função estabilizadora — ela fornece aos encenadores meios que indiquem como eles conduzirão a peça. Para Carlos Augusto Nazareht, a platéia deve participar do espetáculo.

A geração coca-cola, filha do videolaser e da Internet, não pode ser preparada de forma eficiente e consciente pelo teatro. Como a vocação deixou de ser o ponto fundamental para o exercício da profissão, não pelo aspecto financeiro, mas pela forma amadora como é exercida, a platéia atravessa um processo de 'deformação', sendo mal informada e mal conduzida.

Os artistas são pouco preparados e o público se acostuma a receber espetáculos baratos, de má qualidade. "As pessoas fazem um curso de três meses e querem dirigir uma peça. O profissional mal conhece o teatro que se dispõe a realizar", afirma Nazareth.

As críticas

A crítica e a discussão sobre o valor das peças classificadas como comerciais (aquelas que obedecem às tendências mercadológicas) não são essencialmente ruins ou pouco informativas. Elas têm a função de divertir a platéia. O mercado teatral, portanto, oferece espaço para todo o tipo de manifestação artística. Nazareth ressalta que existem canais de comunicação diferentes como públicos diversos também. O questionamento da qualidade das peças atuais implica em descobrir o discurso e o público adequado para cada espetáculo. Para montar uma peça teatral, o diretor deve mostrar-se interessado em expressar essa arte à platéia.

Assim como a peça educa o público, os espectadores contribuem para a melhoria da montagem teatral, usando seu poder de aprovação maior: o aplauso.

As peças nos anos 60 eram verdadeiras obras de arte, únicas, que emocionavam o espectador, fazendo-o refletir sobre as situações do cotidiano e da sociedade em que vivia. Atualmente, podemos descartar esse saudosismo, que não acrescenta novidades, mas só nos faz lembrar como éramos engajados no contexto político-social da época revolucionária.

Se a peça é montada em toda a sua plenitude, bem trabalhada, ela tem o poder de persuadir qualquer público seja ele imaturo para compreendê-la ou não, em qualquer tempo da história. É certo então, afirmar que desenvolver uma platéia consciente e mobilizada pelo espetáculo é, em parte, responsabilidade do autor e diretor que conduz a obra buscando atender aos anseios de sua platéia.

A citação de Marina Colasanti: "Você nunca sabe qual detonador que vai acionar sua sensibilidade. Nem em que direção ela vai explodir. Está posto em sossego...quando sem aviso prévio...uma frase lhe atravessa a alma." (in Eta, assunto de morte) ilustra claramente a emoção que uma peça teatral pode despertar no ser humano.

Assim como a peça educa um público, os espectadores contribuem para a melhoria da montagem teatral, usando seu poder de aprovação maior: o aplauso. Não há maneira melhor de se avaliar uma obra do que a atitude da platéia no seu desfecho.

O teatro deve chocar, criar discussões, provocar sensações. Ele não tem uma função moralizadora, pode ter apenas o sentido lúdico, já que não é realidade mas apenas uma forma de interpretá-la. Os palcos são verdadeiras lições de vida para quem se dispõe a apreendê-las. O que falta, talvez, no Brasil, e que vem sendo estudado pelos artistas, é a maior profissionalização desta arte tão artesanal e singular.

A educação pela dança

ADRIANA R. TIEFENTHALER, CHRISTIANO SANCHES, GABRIELA MAMONA PASSOS

Esquecido horas diante do computador, espremido no carro ou levado à exaustão nas academias de ginástica e nas aulas tradicionais de educação física, o corpo humano tem sido cada vez mais, descrito como uma máquina — normalmente usando metáforas que comparam músculos à fios elétricos e neurônios à bytes. Mas, o que o corpo humano tem de mais especial não é a sua capacidade de armazenar e decodificar as informações. O seu grande mistério e a sua grande maravilha, é a capacidade de expressar artisticamente os sentimentos que passeiam na alma que o habita.

Letícia Damasceno e Renata Ungier, ex-aluna da PUC, não são apenas professoras de dança. Elas vêm dedicando suas vidas a unir dança e educação, acreditando que para descobrir o mundo, é preciso antes descobrir a si mesmo. Com uma formação que inclui ballet clássico, dança contemporânea e técnicas de reabilitação motora, elas ensinam à

Foto: Adriana Tiefenthaler

Renata e seus alunos: ensinando a brincar de dançar

crianças e adultos a arte e a força de um gesto.

O percurso de Letícia Damasceno é semelhante ao de inúmeras jovens que começaram a dançar muito cedo. Só que, incomodada com a rígida disciplina e a pouca liberdade de expressão, acabou procurando um novo caminho que possibilitasse a manifestação mais livre da própria individualidade e criatividade. Acabou encontrando a dança contemporânea e a consciência corporal.

A dança contemporânea é uma técnica que se alimenta do básico do ballet clássico, mas que subverte sua rigidez e acrescenta toda uma nova proposta de movimentação, que permite um conhecimento maior de cada parte, órgão e movimento que constitui o organismo humano. É baseada nessa experiência que Letícia critica o tipo de orientação corporal mais comumente oferecida pelas escolas e universidades. "A tão conhecida Educação Física privilegia a prática de movimentos seriados, com orientação quase militar", alerta.

Referindo-se à consciência corporal, Letícia aponta a necessidade de se ter noção dos limites do próprio corpo na realização de qualquer tarefa. Segundo ela, "as pessoas só se preocupam com o corpo quando já sentem alguma dor". A educação corporal é uma forma de se trabalhar com a prevenção de muitos casos que podem acabar numa cirurgia.

Durante alguns meses Letícia participou de um programa de combate a lesões por esforços repetitivos (LER), muito comuns, principalmente em funcionários que trabalham com computador, máquina de escrever, ou algo semelhante. Orientando desde altos empresários até caixas do extinto Banco Nacional, Letícia viajou pelo Brasil ajudando empresas a economizarem milhares de reais em indenizações e licenças médicas geradas pela movimentação e postura incorreta do próprio corpo. Uma correta orientação corporal desde cedo pode evitar muitos problemas.

Para a professora de preparação corporal da Escolinha do Tablado, Renata Ungier, a dança está incorporada desde cedo no ser humano. A espontaneidade dos primeiros movimentos da criança tende a ser perdida à medida que ela atinge a idade adulta.

Fascinada pela dança desde os três anos de idade, Renata profissionalizou-se na Escola de Dança de Angel Vianna. Há quatro anos, dedica-se a ensinar às crianças a arte de brincar com o próprio corpo. Renata tenta explorar e desenvolver a expressividade corporal que a criança possui naturalmente e explica: "As pessoas se comunicam pelo gesto, independente ou não de participarem de aulas de expressão corporal".

Um dos fatores que mais preocupam Renata, em relação à educação, é a decisão dos pais na escolha da escola mais apropriada para educar seus filhos. Na maioria das vezes o computador é um pré-requisito indispensável, não permitindo uma abertura maior para a manifestação artística em geral. Ela acredita que para a formação do indivíduo é fundamental que a expressão corporal esteja presente, pois viabiliza a consciência do próprio corpo e a comunicação entre as pessoas.

Aprendendo através da leitura

MÁRIO GONÇALVES

Cervantes, Shakspeare, Dickens ou Mark Twain ? Nada disso. Kica Futrica, Tita, Mestre Carneiro e o menino Pedro. Personagens das histórias infanto-juvenis, estes nomes guiam as crianças pelo maravilhoso mundo da literatura. Assim como os grandes clássicos, os livro infanto-juvenis também têm sua magia. Ler, como tudo na vida, é questão de hábito. Quanto mais cedo se começa melhor. E que tal, antes de conhecer as amarguras da shakesperiana Lady Macbeth, passear no bosque ao lado de Chapeuzinho Vermelho? É isto, basicamente, o que algumas editoras estão se propondo a fazer.

Na Bienal do Livro de São Paulo, realizada em agosto do ano passado, os lançamentos destinados ao público jovem ocuparam lugar de destaque. *O sonho se faz*, de Beatriz Tomassini, *Leiturinhas*, de Maria do Carmo de Oliveira e *Kica Futrica lá vai, aqui fica*, de Cristine Baptista, todos da Editora Ao Livro Técnico,

Foto: Arquivo Eckabe Press

O interesse pela leitura deve partir da própria criança

fizeram a festa da garotada. A lista de lançamentos é enorme, incluindo várias outras editoras.

A quantidade de novas publicações para crianças e adolescentes desmente a tese de que eles só gostam de video game, desenho animado e revista em quadrinhos. "A criança, para mexer com videogames ou computadores, tem, obrigatoriamente, que saber ler. Além disso, as escolas vêm recebendo das editoras um apoio grande na divulgação dos livros", acredita Guto Lins, artista gráfico e autor de *É o Bicho*, livro infantil lançado pela Ediouro.

O mercado editorial dedicado ao público infanto-juvenil vai muito bem e o motivo é simples: o gosto pela ciência, pela arte e pelas línguas ocorre muito mais cedo do que se imagina.

Leitura não tem idade

Recentes pesquisas mostram que o cérebro funciona como uma espécie de músculo: quanto mais exercício maior seu desenvolvimento. O interesse da criança seja pela leitura, pela música ou pela ciência não deve, no entanto, ser forçado. O neuropediatra Mauro Muszkat, professor da Universidade de São Paulo, acredita que o ritmo de desenvolvimento da criança deve ser respeitado. No mesmo tom de Muskat, o psiquiatra Francisco Assumpção Júnior alerta que ensinar aos menores de cinco anos a ler e escrever, sem que eles demonstrem interesse neste aprendizado, pode ser prejudicial. A criança, mais tarde, pode vir a sofrer de um distúrbio qualquer de escrita, confundindo, por exemplo, as letras quando for escrever.

Mesmo assim, está cientificamente provado que as crianças têm maior capacidade de aprender do que os adultos. De acordo com pesquisadores da Universidade de Washington, crianças de até 10 anos são capazes, por exemplo, de aprender uma língua estrangeira com mais facilidade do que os que já ultrapassaram esta idade.

É seguindo esse raciocínio, que os especialistas informam que a literatura, como uma das mais importantes ferramentas da aprendizagem, não deve ser, em hipótese nenhuma, dispensada.

De acordo com Assumpção Júnior, a melhor maneira de iniciar a criança na leitura é respeitando-a. Saber que ela tem gostos e preferências como qualquer adulto e que nem sempre o livro que os pais acreditam ser o mais indicado é o melhor. O gosto pela literatura pode ser incentivado mesmo antes da criança aprender a ler. Para isto, nada melhor do que as velhas histórias.

Outro bom incentivo ao hábito de ler é, na hora apropriada, ao invés de levar a criança ao último filme de karatê, oferecer-lhe livro, lápis e papel. Mas o respeito é decisivo. De nada adianta forçar a barra. A imposição pode surtir o efeito contrário e a criança sentir verdadeira repulsa aos livros.

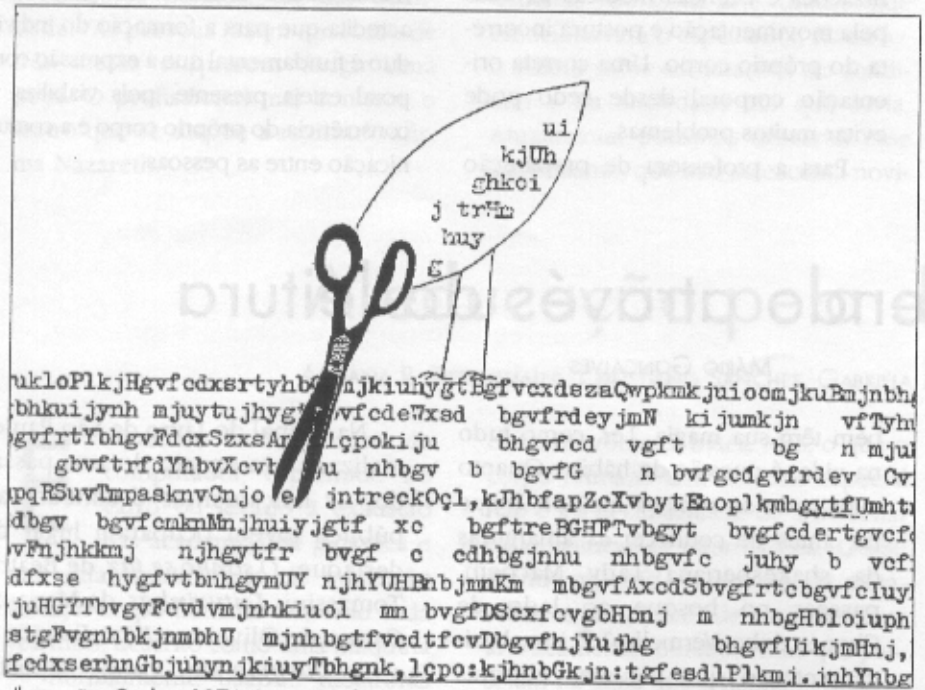

Ilustração: Caulos, 1976. Livro: Só dói quando eu respiro, Ed. LPM.

AS MUITAS FORMAS DE SE EDUCAR

Educação não é mais sinônimo de escola, cartilha e aquela velha tia de óculos sentada na mesa mais alta em frente aos alunos. Hoje, teatro, dança ou simplesmente um bom livro podem ser veículos de educação poderosos. A boa peça de teatro pode fazer com que a platéia reflita e aprenda sobre o assunto tratado; a dança cria uma consciência corporal, permitindo que o indivíduo aprenda a lidar com seu organismo sem agredi-lo e o livro, todo mundo já sabe, além de estimular a fantasia, dá cultura geral, ensina a escrever ... . Enfim, quem quiser saber mais pode aprender de várias maneiras, muitas vezes divertidas e interessantes.

O teatro como veículo de educação

FLÁVIA RIBEIRO, FLÁVIO ALMEIDA E ANA CLÁUDIA C. LEMBO

O teatro como forma de expressão artística ou simples entretenimento deixa de ser arte se não emocionar o espectador. Comparado aos anos 60, quando ele era um agente modificador no contexto sócio-político-cultural do país, o teatro dos anos 90 está perdendo espaço, não explorando o que tem de mais precioso: sua linguagem particular e sua magia.

Profissionais da área avaliam que o público está cada vez mais distante dos palcos. Qual será o motivo desse comportamento? Se o teatro pode ser considerado um meio de comunicação para a formação de opinião pública, ele está mesmo exercendo seu papel de educador ou transferiu essa função para outros veículos da mídia?

Ao afirmar que "A platéia só é respeitosa quando não está entendendo nada", Nelson Rodrigues já previa uma discussão sobre a formação de um público teatral. Na verdade, o espetáculo deixa de sensibilizar o espectador quando não demonstra paixão em sua essência. Diretores, atores, cenógrafos e produtores que não desenvolvem ou mantêm amor pelas peças que realizam, estão multiplicando um público deficiente e pouco questionador.

Para a atriz e diretora Cristina Pereira, o melhor canal de comunicação para envolver o espectador na trama é o humor. "É preciso ter um canal aberto para inspiração. Assim, as coisas acontecem melhor. O espetáculo tem que deixar o público intrigado, provocar as pessoas, levando-as a uma reflexão sem necessariamente ser sério ou dramático", destaca.

As montagens definitivamente precisam ser mágicas e desenvolvidas com paixão. Cristina lembra o início de sua carreira nos anos 60, quando o teatro era um acontecimento social. "Era uma época de efervescência cultural muito grande. O que interessava nos espetáculos era o que o texto dizia. Fui incentivada a fazer teatro.